



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

LUTANDO CONTRA O PRECONCEITO

Amanda Barbosa Moreira dos Santos
Lucia Lermen
Maria Eduarda Colovini Bitencourt

“A ignorância não fica tão distante da verdade quanto o preconceito”.
(DENIS DIDEROT)

RESUMO: Neste artigo, abordamos como o preconceito vem sendo criado e disseminado pelos diferentes grupos sociais e quais são suas influências na sociedade atual. Analisamos o preconceito racial nos Estados Unidos e no Brasil, de gênero no Oriente Médio e contra os refugiados da Síria. O racismo nos Estados Unidos começou com a escravidão, época em que o negro era visto como objeto-mercadoria, um não-cidadão. A luta contra a segregação racial e pelos direitos civis surgiu, entre os norte-americanos, após a promulgação das leis Jim Crow que preconizava a divisão entre brancos e negros. Ao longo dos anos, os negros foram conquistando seus direitos. Ao contrário disso, as mulheres no Oriente Médio tiveram poucas mudanças em relação a seus direitos básicos. O caráter subalterno relegado a elas é fundamentado na religião predominante do Oriente Médio. Esta determina em termos materiais e espirituais a posição de inferioridade das mulheres. Outra forma de preconceito que persiste na atualidade é contra os refugiados; em especial contra os refugiados sírios, cujo país vive uma guerra fratricida. Aqueles que abandonaram o ambiente de conflito buscam uma vida melhor longe de sua terra natal. Reagindo a este fato, muitos países, em especial da Europa, fecham suas fronteiras para os desafortunados imigrantes sírios, que ficam sem nenhuma opção. O que mais prejudica-os, sem dúvida, é o preconceito que sofrem não só dos governos, mas das populações também. Em grande parte do mundo, a mídia propaga informações em grande escala que influenciam e determinam tendências tais como o racismo e a misoginia. O fato é que, ainda hoje infelizmente não temos solução para a cura destes preconceitos, e para os problemas que ele acarreta. A única maneira de revertermos tal quadro é respeitando os princípios da tolerância, da diversidade e da alteridade, elementos cada vez mais escassos nas relações interpessoais em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: preconceito, luta, grupos sociais, influência.

ABSTRACT: In this article, we discuss how prejudice has been created and disseminated by different social groups and its influence in society today. We analyzed the racial prejudice in the United States and Brazil, gender prejudice in the Middle East and against refugees from Syria. Racism in the United States began with slavery, when black people were seen as objects, non-citizens. The struggle against segregation and for civil rights began, among the United States citizens, after the Jim Crow laws, which determined a division between white and black people. Over the years, black people were achieving more rights. On the contrary, women basic rights from the Middle East have changed just a little over the years. The submissive role is based on the predominant religion in the Middle East. This religion determines in material and spiritual terms the position of inferiority of women. Another kind of prejudice that still persists today is against the refugees; especially against the refugees from Syria, where there is currently a fratricidal war. Those who abandoned the conflict environment search for a better life far away from their home land. Reacting to this fact, many countries, especially European ones, close their borders to the Syrian immigrants, which are left without any option. What most impairs them is, without a doubt, the prejudice they suffer not only from the government, but from the population too. In a big part of the world, the media broadcasts information in a big scale that influences and determines trends like racism and misogyny. The fact is that, even today, unfortunately we don't have the solution to cure this prejudice, and the problems it causes. The only way to revert this situation is respecting the principals of tolerance, diversity and alterity, elements each time more rare on the interpersonal relationships in our society.

KEYWORDS: prejudice, struggle, social groups, influence.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

1 INTRODUÇÃO

O preconceito está presente na vida das sociedades há muito tempo. Ele pode tomar diversos rumos e ideologias, como o preconceito racial, de gênero etc. O preconceito é uma opinião sobre o diferente, o estranho, que acaba causando grande desconforto social, acaba se tornando um dos graves problemas sociais que enfrentamos atualmente.

Analisando a palavra etimologicamente, temos *pré* como algo anterior ou que existe de forma primária e *conceito* como aquilo que se entende ou compreende de algo, uma opinião. A ideia do preconceito refere-se, então, a um conceito formado de maneira anterior ou antecedente à constatação dos fatos.

Os preconceitos fazem parte do convívio dos indivíduos em sociedade, em meio a todo o círculo de interações humanas. Esses podem ser herdados e fazer parte da cultura durante muitos anos, determinando a compreensão de cada pessoa sobre as coisas do mundo.

Começa a ser um problema quando estes preconceitos acabam sendo generalizados e não se leva em consideração as particularidades de cada indivíduo, como acontece na maioria das vezes. Machado de Assis, autor brasileiro do século XIX cita "O medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito, desfaz-se - basta a simples reflexão". (1970, p. 44)

Para aprofundar o debate, procurou-se reconhecer os fatores históricos e sociais desses preconceitos que atualmente estão muito presentes na nossa sociedade, como a discriminação contra o negro, as mulheres do Oriente Médio e os refugiados sírios na Europa.

Este artigo pretende, portanto, analisar os cenários pelos quais surgiram algumas modalidades de preconceito social, enfatizando suas nuances históricas e as mobilizações organizadas para reverter este quadro discriminatório. Cada tipo de intolerância tem um sentido e origem que se difere dos outros.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

2 PRECONCEITO ÉTNICO CONTRA O NEGRO (EUA X BRASIL)

2.1 A HISTÓRIA DO RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS

O racismo nos Estados Unidos sempre foi um dos protagonistas da história do país. Tudo começou com a escravidão, em que o africano era visto como objeto, um não-cidadão.

Em 1863, quando Abraham Lincoln assinou o Ato de Emancipação dando liberdade aos escravos, uma parte da população branca não concordou com a atitude do presidente. Também não concordavam com uma igualdade de direitos entre os afrodescendentes e a comunidade anglo-saxã dos Estados Unidos. Indivíduos, principalmente sulistas, acreditavam que o modelo escravocrata era o mais correto pois, segundo eles, os afrodescendentes deveriam servir aos brancos – supostamente superiores, e que este fato ajudaria o capitalismo.

Então foram criadas as leis Jim Crown, em que era afirmado que os afro-americanos não poderiam frequentar os mesmos lugares que os brancos, e que deveriam ter tratamento diferenciado. As escolas eram exclusivas para afrodescendentes ou para anglo-saxões. No transporte público, havia um espaço reservado para os negros, obviamente no fundo do veículo. Esta divisão territorial de etnias, tanto em bairros quanto em lugares públicos ainda é perceptível.

Viver sob uma atmosfera de perseguição e de preconceito fez com que muitos afrodescendentes não se acomodassem e buscassem alternativas. Movimentos pelos direitos civis foram criados para organizar a luta pela igualdade.

A resistência contra a opressão racista tem como um de seus marcos o caso Rosa Parks, afro-americana presa em 1955 por não ceder seu assento no ônibus a uma pessoa branca. O episódio causou uma grande revolta que culminou no fim da segregação no transporte público pela Suprema Corte em 1956. A mobilização contou com a liderança do pastor Martin Luther King Jr. As conquistas não foram bem aceitas por uma fração de norte-americanos de origem anglo-saxônica, principalmente do sul do país.

Nos anos 60, foram organizadas as chamadas “Viagens da Liberdade”, nas quais negros e brancos viajavam juntos pelos estados do Sul, para garantir que o fim



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

da segregação racial fosse uma realidade. Alguns ativistas eram tratados com extrema violência. No dia 28 de agosto de 1963, *Martin Luther King* discursa para milhares de pessoas em Washington, a capital dos Estados Unidos

Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; Nesse justo dia no Alabama meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje! (KING *apud* MOURA, 2013. s/p.)

Em 1965, a insatisfação pela demora em efetivar os progressos já conquistados na legislação levou a criação da premissa *Black Power* ("Poder Negro"), inspirada pela atuação de *Malcolm X*. Acreditavam que a questão racial nos Estados Unidos tinha relação com a estrutura do capitalismo em vigor no país.

O descontentamento pela lentidão em alcançar o status da igualdade influenciou também a criação do Partido dos Panteras Negras em 1966, na cidade de *Oakland, Califórnia*. Seus fundadores foram *Huey Newton* e *Bobby Seale*, membros engajados da comunidade negra e da luta contra o racismo. O grupo adotou algumas tradições africanas e dedicou-se à defesa dos direitos civis das comunidades negras.

A discriminação formal contra negros foi proibida, direitos como o voto foram conquistados, permitindo a igualdade racial perante a lei. Mas a pobreza, os problemas sociais, a segregação nos bairros negros, o nível de educação que lhes é oferecido e a violência por parte das autoridades persiste até os dias atuais, um racismo velado e culturalmente mantido.

2.2 MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS VERSUS KKK

Um dos movimentos que mais tomou força nos EUA no período pós-45 foi o movimento pelos direitos civis, que lutava contra a segregação racial da sociedade. Faziam parte desta mobilização inter-racial indivíduos que nutriam em comum o desejo de viver em uma comunidade democrática, igualitária na qual todos tivessem as mesmas oportunidades de crescimento.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Ao mesmo tempo que os negros ganhavam mais direitos perante a lei, havia ainda aqueles que não concordavam com estas mudanças. A mais famosa organização que apoiava a segregação racial nos Estados Unidos foi a *Ku Klux Klan* (KKK).

O grupo surgiu em 1865 no sul do país, logo após a abolição da escravatura. Os integrantes se vestiam com roupas e capuzes brancos e montavam em cavalos perseguindo os ex-escravos. O principal objetivo do clã era garantir a supremacia branca e lutar contra as políticas imposta a favor da igualdade racial. O grupo se manteve sem a oposição de grupos antirracistas por muito tempo, já que esses foram criados somente décadas depois.

O grupo KKK agia de forma violenta. Os integrantes costumavam sair às ruas aterrorizando qualquer indivíduo negro, muitas vezes, levando até a morte. Então, em 1871, o presidente *Ulysses Grant* garantiu a proteção para os negros fazendo com que os *Ku Klux Klan* se tornassem ilegais, o que mesmo assim não os parou.

Porém, mesmo com todos estes movimentos de opressão, os negros começaram a sua luta pela igualdade de etnias. O primeiro movimento pelos direitos civis dos afrodescendentes norte-americanos foi organizado em 1909, por *W.E. du Bois* e outros ativistas, e foi denominado Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (ANAPC), que lutava em prol dos direitos dos negros. O movimento só obteve seu primeiro sucesso em 1954, no caso de *Brown versus Conselho da Educação de Topeka*, no *Kansas*. A ANAPC defendeu o caso, alegando que as escolas separadas para negros e brancos eram desiguais e, por essa razão, violavam a Constituição.

Entretanto, na década de 50, o KKK voltou à ativa contra o movimento pelos direitos civis, que cada vez ganhava mais força. Neste período, a ação do clã foi intensa, pois o movimento contra o racismo estava no seu auge.

Uma das figuras que mais deu suporte para os movimentos pelos direitos civis foi *Martin Luther King*. Ele lutou até o fim de sua vida pelas suas ideias de combate à segregação racial. Um dos pontos altos da luta de *Luther King* ocorreu em 28 de agosto de 1963 com a Marcha de Washington que reuniu cerca de 250 mil ativistas pelos direitos civis.

Porém, o movimento conseguiu maiores vitórias entre 1964 e 1965, momento em que novas leis em prol dos direitos civis foram aprovadas. O Ato dos Direitos Civis



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

de 1964, por exemplo, terminou com a discriminação racial em locais públicos e com todos os obstáculos contra o direito ao voto.

Entre os anos de 1965 e 1967 os progressos foram lentos, fato que gerou a insatisfação de várias parcelas da sociedade. A frustração provocou tumultos em muitas cidades norte-americanas. Alguns grupos optaram pela violência como estratégia de obtenção da justiça racial. Um exemplo disso seria o movimento intitulado Panteras Negras.

Em 1968, *Martin Luther King Jr.* foi assassinado em Memphis, no *Tennessee*, o que encerrou o Movimento pelos Direitos Civis. Contudo, muitos líderes continuavam a trabalhar pela igualdade racial. Estes programas tinham o objetivo de consertar os erros do passado, dando oportunidades a qualquer grupo discriminado.

É de conhecimento público que o preconceito racial prevalece até os dias atuais. Hoje, por exemplo, ainda permanecem ativos grupos como a *Ku Klux Klan*, mesmo que grande parte de sua força tenha sido perdida há muito tempo. De qualquer maneira, a intolerância em todos os níveis continua crescendo gradativamente no mundo.

2.3 DIFERENÇAS ENTRE O RACISMO DOS EUA E DO BRASIL

O problema do racismo é de grande complexidade e para melhor entendê-lo é importante também considerar os fatores culturais e sociais pelos quais definem o ato racista. O Brasil e os Estados Unidos interpretam de modo diferente o tipo de racismo praticado em seus respectivos países. Nas duas situações, eliminou-se a legislação que dava suporte à segregação racial, porém o racismo permaneceu.

Nos Estados Unidos, conforme já citado, existiram leis que estabeleciam áreas restritas para negros e brancos nas instituições, meios de transporte e espaços públicos. Havia escola, restaurante, ônibus e trens, dentre outros, que definiam ou organizavam seus usuários pela cor.

Outra postura corriqueira entre os supremacistas brancos norte-americanos é a prática da violência através de atentados em comunidades afrodescendentes. Um exemplo deste fato ocorreu em 2015, quando uma série de igrejas de comunidades



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

negras foram incendiadas criminosamente. Estes atentados contabilizaram ao todo, nove vítimas fatais.

Já no Brasil, essa segregação foi, na maior parte do tempo, velada e não legislada. Fato que representou um grau maior de socialização entre os afrodescendentes e a população de origem europeia. Seu principal efeito foi o estabelecimento de um racismo mais diversificado e, às vezes, mais sofisticado.

Enquanto nos Estado Unidos a violência através da lei ou da força física oprimiu os afrodescendentes, no Brasil a segregação teve um teor de exclusão social através do mercado de trabalho, de consumo ou da própria concepção estética.

No Brasil, são muitos os exemplos de racismo no cotidiano. Existem casos como o ocorrido no Rio de Janeiro no início de 2013, quando um casal branco que tinha um filho negro de sete anos, comprava um carro em uma revendedora da BMW e presenciou um ato racista do gerente da loja contra a criança. A criança foi ofendida e o gerente ordenou que ela se retirasse da loja, pois aquele lugar não era para ele.

A mesma lógica racista ocorreu em 2014, em Carapicuíba, interior de São Paulo, quando um cliente negro é injustamente acusado de roubo por seguranças da rede de supermercado *Walmart*. A vítima entrou posteriormente com recurso na justiça e acabou sendo indenizado.

Um dado que aproxima o racismo brasileiro do norte-americano é o índice de afrodescendentes vítimas das abordagens policiais. Somente no estado de São Paulo, em 2014, o número de vítimas negras era três vezes maior que a de brancas. Nos Estados Unidos, os negros também são vítimas frequentes de crimes motivados pelo racismo nas abordagens policiais, sendo que muitas das vítimas estavam desarmadas. Tudo leva a crer que estes índices de violência tendem a crescer.

2.4 COMO A MÍDIA CONTRIBUI IDEOLOGICAMENTE PARA A MANUTENÇÃO DO RACISMO

Considerada o quarto poder no Brasil e em grande parte do mundo, a mídia propaga informações em massa que influenciam e determinam tendências. Na teoria, não deveria ser mostrado à população apenas uma visão dos acontecimentos, mas



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

sim a totalidade dos fatos. O que ocorre na realidade é que uma grande fração do público acredita que aquilo que está sendo veiculado pela mídia é verdadeiro. Acompanhando a televisão brasileira, seria impossível imaginar que a maioria da população do país é negra.

A mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, [...] que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (SODRÉ, 1999, p.243)

O racismo midiático se evidencia pela própria negação do racismo, já que existem negros na mídia; porém, estes estão ligados a papéis que reforçam estereótipos tradicionais, como o negro que gosta de samba, mora na favela ou em bairros periféricos- núcleo violento e com alta criminalidade. Estas personagens ocupam cargos como o de porteiro, motorista, secretário ou empregada doméstica. Raramente há um negro com algum papel de destaque ou protagonismo.

Já a cultura negra, é vista como folclore e não como parte da cultura popular mais nacional. Há um esforço em mascarar a influência cultural dos afrodescendentes nos vários costumes e preferências do povo brasileiro.

No âmbito mundial, tanto na música como na televisão, a questão racial também está presente. Na última versão realizada do *Oscar* - prêmio entregue anualmente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, houve um debate muito intenso sobre a ausência de atores negros indicados ao prêmio máximo nos últimos dois anos. Uma rápida pesquisa na história do *Oscar* mostraria que em suas 87 edições, apenas 15 negros venceram em alguma categoria.

Na música, a mais recente manifestação foi após o lançamento da música "*Formation*" da cantora americana *Beyoncé*, que denuncia o racismo nos EUA e a violência das autoridades policiais contra as comunidades negras e periféricas. A letra da canção, seu videoclipe e a apresentação no palco renderam uma série de críticas. As acusações tratavam de um suposto incentivo para a população negra revoltar-se contra o abuso praticado por policiais brancos.

Na área jornalística, o racismo também está presente, quase não vemos apresentadores de jornais e repórteres negros trabalhando. Nos anos 2000, as Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojiras) e o Núcleo de Jornalistas



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Afro-brasileiros do Rio Grande do Sul organizaram sindicatos, que hoje atuam em cinco estados pela igualdade no meio.

Mesmo que ainda permaneça mascarado no cotidiano, a população começa a criticar a mídia que privilegia a população branca e usa do meio para perpetuar preconceitos e estigmas raciais. Este movimento crítico ganha força e apoio de artistas influentes, que tratam do tema em seus trabalhos e expõem suas histórias em redes sociais e entrevistas.

3 PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES DO ORIENTE MÉDIO

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DO PRECONCEITO DE GÊNERO

Quando pensamos no Oriente Médio, logo vem a nossa cabeça: guerra, conflito e insegurança. Tais fatalidades são, normalmente, exibidas pelas mídias. O que normalmente não exibem é o papel da mulher nestas sociedades que, com certeza, é muito mais limitado que de nossa cultura.

Elas andam de burcas, um tipo de vestimenta que vai da cabeça aos pés, e véus que acabam cobrindo toda a face. A pele da mulher não é exposta à sociedade, as únicas pessoas que a vêem sem as suas vestimentas são seus familiares.

O islã, religião predominante no Oriente Médio, tem grande influência no tratamento e no papel social exercido pela mulher. A superioridade do homem sobre a mulher vem sendo culturalmente mantida desde o início de suas civilizações.

A criação da religião islâmica, porém, deu mais liberdade ao gênero feminino. Apesar disso, o Alcorão determinou a superioridade dos homens sobre as mulheres. É evidente que a reforma promovida pelo Alcorão foi um avanço, mas não retirou a mulher de sua posição inferior ao homem.

O documento evidencia que os homens poderiam agredir suas esposas (punição de uma mulher desobediente), ter o direito de possuir até quatro esposas e exigir a obediência das mesmas. Estes ideais são seguidos até hoje pelos homens na região do Oriente Médio, apesar de terem ocorrido algumas alterações ao longo dos anos.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

A turca Didem Ozdemir *apud* Eduardo Szklarz (2010) afirma "Nos países guiados pela lei islâmica, não há polícia para proteger a mulher no caso de violência doméstica. Espera-se que ela seja protegida do caos externo pelos homens da família" (s/p). A lei defende a ideia de que, se a mulher apanhou, ela fez por merecer. Muitas vezes, a mulher não apanha somente do marido, mas de primos, cunhados que também podem condená-la.

A autora também afirma que a violência praticada no gênero feminino não faz parte da religião, é apenas um conceito que se apoia no islamismo. Uma pesquisa de 2009, realizada pelo Relatório do Fórum Econômico Mundial, conclui que dos 20 países nos quais a desigualdade de gêneros é mais alta, 19 deles são islâmicos.

A taxa de analfabetismo entre as mulheres cresceu 10% nos últimos dez anos. A privação ao direito de as mulheres estudarem é um dos assuntos mais lembrados pelas feministas e instituições que defendem o direito da mulher.

Estes atos machistas são uma mistura de ideais religiosos com culturais. O uso do *hijab*, o manto islâmico que envolve todo o corpo, da *abaya*, a túnica preta e longa, e do *niqab*, o lenço fino que cobre o rosto e deixa os olhos à mostra é visto como normal pelas mulheres, que muitas vezes apreciam utilizar tais roupas. Este hábito já está impregnado na cultura e não faz, na visão das islâmicas, com que as mulheres se sintam inferiores aos homens.

Não obstante, há leis que não permitem que a mulher saia de casa desacompanhada de um homem ou que possa dirigir – inclusive em países extremamente desenvolvidos como Abu Dhabi. Existem outras leis que oprimem as mulheres, como a proibição de conseguir emprego, abrir conta bancária etc. Caso alguma mulher queira fazer um curso superior, precisa antes conseguir a autorização de um parente do sexo masculino – muitas vezes o marido.

Notícias mais recentes mostram que a condição das mulheres nestes países do Oriente Médio não variou muito.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

3.2 REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS PARA O GÊNERO FEMININO

A criação da religião Islâmica no Oriente Médio, por Maomé no século VII d.C., pode ser vista como o início dos direitos das mulheres nesta região, já que garantiu direitos como ter propriedade, herança, educação e o direito de escolher com quem se casar. Entretanto, o Alcorão concede aos homens direitos superiores, como os de punir a mulher desobediente, agredi-la, o direito de ter até quatro esposas, e que a herança da filha é a metade da destinada ao filho.

No ano de 1944, ocorreu a primeira conferência das mulheres árabes no Cairo. O objetivo era conquistar espaço na sociedade através de reivindicações como a limitação da poligamia, estabelecimento do divórcio, acesso à educação e idade legal para o casamento.

Entre 1945 e 1980, os estados autoritários (Irã, Egito, Síria e Iraque) reconheceram alguns direitos para as mulheres, mas sempre limitando o acesso aos benefícios reivindicados. No Egito, por exemplo, o direito ao voto é conquistado. Em 1990, já se faz menção a um certo "feminismo muçulmano" em uma das conferências da ONU. Este chamado "feminismo muçulmano", é subdividido em três correntes, são elas: a que defende a participação feminina sem romper com a tradição religiosa islâmica, a que busca mudanças e igualdade de gênero e, finalmente, a que afirma que a doutrina religiosa hostiliza a mulher.

Eles acham que Deus é um pequeno ser conservador que mandaria garotas para o inferno apenas porque vão à escola. Os terroristas estão deturpando o nome do Islã e da sociedade paquistanesa para satisfazer seus próprios interesses. (YOUSAFZAI *apud* PRESSE, 2013. s/p).

Na campanha eleitoral de 2009, as iranianas aproveitaram a atenção que todos estavam dando à política, para formar a União dos Movimentos de Mulheres, que aproveitou o momento oportuno para apresentar suas exigências nas eleições, fato que ocasionou um amplo debate. Foram apresentadas duas medidas com vistas a reduzir as desigualdades sociais, econômicas e legislativas; a primeira delas seria a eliminação de todas as formas de discriminação contra mulheres - o futuro presidente da República deveria assiná-la sem acrescentar nenhuma emenda à proposta original;



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

a segunda solicitava a retirada de qualquer lei que institucionalizasse a discriminação contra a mulher, sendo alcançado o princípio de igualdade de gênero.

3.3 DIFERENÇAS ENTRE O PRECONCEITO DE GÊNERO NO ORIENTE MÉDIO E NO RESTO DO MUNDO

O preconceito com o gênero feminino não é recente na história da humanidade. Ele está presente tanto historicamente como socialmente em diversos países e pode ser notado pelo tratamento desigual dado às mulheres como também o patamar de inferioridade imposta a elas. No Nepal, por exemplo, crianças do sexo feminino sofrem discriminação de gênero e, muitas vezes, são vítimas do tráfico humano.

No Paquistão, as mulheres não podem comer em público e são atacadas com ácido caso não aceitem um pedido de casamento ou questionem a autoridade masculina e disso resulta uma série de deformações e traumas. Cabe lembrar que os agressores nunca são punidos. Esta violência contra a mulher é comum também em Bangladesh, no Afeganistão.

Em outros lugares do mundo, como na República Democrática do Congo, a mulher que sofre violência passa a ser discriminada em seu vilarejo por ter deixado de ser mulher. Já na Índia, a vítima de estupro torna-se invisível, não consegue se casar e é tida como a única culpada pelo fato ocorrido. Já em Mali, as mulheres vitimadas pela violência sexual também são excluídas da sociedade e ficam totalmente privadas dos poucos direitos que possuem no país. O tráfico de mulheres também virou uma prática comum, transformando as sequestradas em escravas sexuais.

No Brasil, a mulher sofre preconceito por usar roupas provocantes, pelo comportamento inadequado, ou por frequentar lugares considerados impróprios tornando-as vítimas de violência sexual. No trabalho, as mulheres ainda são excluídas na distribuição de cargos de liderança onde a maioria dos cargos de chefia e os melhores salários ainda são dos homens.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

4 PRECONCEITO CONTRA OS REFUGIADOS DA SÍRIA

4.1 ANTECEDENTES DA MIGRAÇÃO DOS SÍRIOS

Ao contrário dos migrantes, que se deslocam para outros países apenas em busca de melhores condições econômicas, os refugiados necessitam da travessia para salvar suas vidas ou preservar sua liberdade. Diversos motivos podem acabar fazendo com que pessoas precisem sair em massa de seus países de origem; as razões mais comuns são perseguições políticas, religiosas, raciais, escassez de recursos e conflitos armados. Normalmente, as levadas migratórias são formadas por famílias – estes são os casos da Síria, Afeganistão, Sudão e Iraque, territórios que abrigam conflitos pelos quais fazem a população buscar abrigo em outra nação para sair da guerra, pobreza e violência.

A Europa foi o continente mais visado por estes grupos em fuga no ano de 2015 e a travessia mais utilizada é pelo Mediterrâneo. O movimento de imigração é feito por traficantes de pessoas, que antes as reúnem em armazéns ou outros espaços abandonados à espera do melhor momento para cruzar a fronteira. A travessia é realizada geralmente em botes ou em barcos improvisados, na maioria das vezes, superlotados. Muitas embarcações são usualmente pesqueiras ou resumem-se a botes infláveis sem a mínima segurança, o que causa várias mortes - recentemente, um acidente com imigrantes vitimou cerca de 700 pessoas próximo a ilha de Lampedusa, Sul da Itália.

O custo da viagem pode chegar a mais de R\$ 10 mil por pessoa, chegando a lucrar apenas uma embarcação em torno de US\$ 1 milhão, tornando este um mercado altamente lucrativo. Os refugiados não possuem garantia de sucesso no refúgio, alguns são mandados de volta ao seu país pelo governo.

Nessas viagens para o exílio há relatos de extorsão financeira, maus tratos e abusos realizados pelos traficantes - além da fome, do frio e da falta de higiene. Muitos barcos ficam à deriva no mar durante dias. São comuns conflitos entre os passageiros, ocasionados pelo clima de tensão, alguns chegam a ser jogados para fora da embarcação. Quando estes imigrantes conseguem finalmente ingressar ilegalmente



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

no país à procura dos empregos prometidos, acabam sendo vítimas da exploração sexual ou laboral.

Os governos dos países de origem não têm meios para combater estas redes, pois com tantos conflitos é difícil controlar este tipo de atividade criminal. Apesar de tantos riscos, os refugiados acreditam que ainda é a melhor escolha.

4.2 XENOFOBIA CONTRA OS IMIGRANTES NOS PAÍSES DA EUROPA

A xenofobia é uma manifestação racista baseada no preconceito racial, cultural, econômico e social frente ao estrangeiro. Na Europa e nos Estados Unidos, esta visão vem ganhando proporções cada vez maiores, já que representam as áreas que mais recebem imigrantes no mundo.

Este fenômeno está ocorrendo principalmente em países ricos e desenvolvidos, pois os nativos não querem disputar uma vaga no mercado de trabalho com o imigrante, além claro de existir um preconceito calcado na diferença de raça, de religião, de ideologia política, de cultura e de costumes.

Outro fator que contribui para a xenofobia é a crise econômica que atinge a Europa de forma mais intensa desde 2011, conjuntamente com a tensão gerada pelo aumento dos problemas sociais. Cenário este favorável à ascensão de partidos de extrema-direita e seus respectivos discursos de cunho fascista e xenofóbico.

Os países desenvolvidos temem que a chegada do imigrante aumente o desemprego, a criminalidade e contribua para a queda na qualidade de vida. Os porta-vozes do conservadorismo e parte da população passaram a responsabilizar os estrangeiros pela retração da economia.

Estes imigrantes são discriminados, desrespeitados em suas crenças, hábitos, sotaques, aparência física e condição socioeconômica. Muitas vezes, são retratados na mídia como invasores.

Em 2 de setembro de 2015, foi amplamente noticiado o corpo de um menino sírio morto por afogamento no litoral europeu. A foto virou um símbolo da crise migratória que acontece na Europa. E mesmo assim, a foto foi alvo de piadas. Charlie Hebdo, um cartunista francês, satirizou em uma charge o ocorrido com o menino.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

O jornal britânico "*The Independent*" segundo Carla Machado (2015) cita "Se estas imagens com poder extraordinário de uma criança síria morta levada a uma praia não mudarem as atitudes da Europa com relação aos refugiados, o que mudará?". A foto mostrou para aqueles que ainda não haviam percebido que, enquanto os países fecham de maneira egoísta suas fronteiras, milhões de imigrantes sucumbem frente às barreiras quase intransponíveis que tentam superar.

4.3 A RECEPÇÃO DADA AOS REFUGIADOS PELOS EUROPEUS

O primeiro problema que os imigrantes enfrentam, além dos conflitos no seu país, é o trajeto da Síria até a Europa. Os imigrantes viajam de barco através do Mediterrâneo até o seu destino final - um trajeto extremamente perigoso. Muitas vezes as embarcações naufragam, provocando a morte de centenas de pessoas.

Alguns projetos foram realizados para tentar evitar o movimento migratório ou pelo menos salvar estas pessoas. Em 2014, a Itália precisou por fim ao projeto de procura e resgate chamado *Mare nostrum*, por não ter como mantê-lo financeiramente. Em abril de 2015, a união europeia prometeu reforçar a patrulha marítima para acabar com o tráfico humano e destruir barcos antes que imigrantes embarquem nele.

Na maioria das vezes, os refugiados ficam impedidos de atravessar a fronteira porque esta está bloqueada. Os governos destes países temem a reação da população local contra os imigrantes.

Não obstante, não são todos os países que não permitem a entrada destas pessoas. A Alemanha, por exemplo, concede grande auxílio para estas pessoas, mesmo que sua população não apoie a maioria de suas iniciativas. Os beneficiários de asilos alemães recebem apartamento, seguro-saúde, um curso de línguas e cerca de R\$ 1.700 por mês.

Os argumentos de quem não apoia a entrada destes indivíduos orbitam entre os prejuízos causados à identidade cultural ou aos cofres do país. Moradores dos países que recebem imigrantes relatam também que os imigrantes ocupam vagas no mercado de trabalho e superlotam as cidades.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Para que tudo dê certo e para que estas pessoas consigam uma vida normal, são necessários elementos como: abrigo, trabalho, assistência social, tradutor intérprete e claro, a ajuda da população local. Estes imigrantes querem trabalhar e aprender o idioma local, não pretendem destruir a identidade cultural do país. Eles querem fazer parte da população local.

Desde o início da crise migratória, a União Europeia tenta fazer acordos com seus países-membros. A mesma UE encontra dificuldades em defender os pobres e refugiados em um ambiente econômico não muito agradável. Muitos europeus se veem desempregados e temem que os imigrantes disputem seu lugar no mercado de trabalho ou que venham a prejudicar a economia local.

Os refugiados procuram abrigo através das autoridades fato que pode render uma deportação. De acordo com as regras da União Europeia, estas pessoas têm por direito: alimentação, primeiros socorros e devem ser abrigadas em centros de recepção. O imigrante em busca de asilo recebe, geralmente, o direito de trabalhar até nove meses após a sua chegada em algum país europeu.

Os imigrantes têm um longo caminho pela frente até alcançarem uma vida normal como qualquer outro cidadão. A normalidade fica mais complicada quando a população local resiste em aceitar em sua sociedade este novo integrante. A única esperança destas pessoas é que um dia possam esquecer o passado e viver apenas no presente, sem guerras e muito menos preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito sempre existiu. Ao longo dos séculos ele foi passando por diversas transformações. Esta negatividade imposta a outra pessoa pode ser vista como um sentimento concebido sem qualquer exame crítico, gerando na maioria das vezes a hostilidade. A tendência é que o preconceito tome proporções maiores na medida em que a pessoa é desinformada e suscetível à manipulação de terceiros.

Herdado do período da escravidão, o racismo nos *EUA* é marcado pela constante luta da população afrodescendente para conquistar os mesmos direitos dos



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

brancos. Mesmo com o movimento pelos direitos civis, haviam grupos que permaneciam defendendo a segregação racial, como a *Ku Klux Klan*.

Após anos buscando a igualdade e sofrendo diversos tipos de segregação, os negros alcançaram a igualdade jurídica. Entretanto, o preconceito permaneceu ativo na sociedade; no caso brasileiro, de maneira velada. A intolerância frente às pessoas de outras etnias é percebida nas atitudes diárias, quase nunca de forma explícita. A mídia é um dos principais meios em que o preconceito velado é perceptível, a criação de estereótipos reforça a discriminação e a divisão da sociedade em grupos.

Outro preconceito que vivenciamos é contra as mulheres, em especial no Oriente Médio. Lá o tratamento em relação ao gênero feminino é bastante diferente do resto do mundo. Enquanto as outras sociedades também presenciavam atos machistas contra a conquista de poder pelas mulheres, no Oriente Médio esta ação toma proporções muito maiores.

O papel da mulher nesta sociedade reflete em parte a religião, já que esta afirma que homens são superiores às mulheres. O Alcorão, livro sagrado da religião islâmica, evidencia que os homens poderiam agredir suas esposas (punição de uma mulher desobediente), ter o direito de possuir até quatro esposas e exigir a obediência delas acima de tudo.

A luta e resistência destas mulheres do Oriente Médio rendeu uma ampliação de direitos a partir da segunda metade do século XX. Independentemente da luta dos movimentos feministas por direitos, uma pesquisa de 2009 realizada pelo Relatório do Fórum Econômico Mundial concluiu que dos 20 países onde existe maior desigualdade de gêneros, 19 deles são islâmicos. Além disso, a taxa de analfabetismo entre as mulheres cresceu 10% nos últimos dez anos.

Outro tipo de discriminação que está muito presente no cenário mundial atual é contra os imigrantes na Europa. A onda migratória começou em 2011, quando um grande número de refugiados tentou fugir das guerras que ocorriam em seus respectivos países: Síria, Iraque, Egito e Líbano. O objetivo era buscar uma vida melhor em outro continente.

A onda migratória gerou uma preocupação nos países europeus quanto ao aumento da criminalidade, do desemprego e a queda da qualidade de vida da



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

população local. Os imigrantes são discriminados e desrespeitados e, nos casos mais críticos, até agredidos.

A população xenofóbica inclusive culpa os imigrantes pela retração econômica que a Europa vive atualmente. Mesmo que os governos destes países colaborem para uma vida melhor para estes imigrantes, a grande maioria da população continua não apoiando estas pessoas.

Concluimos que o combate ao preconceito é de suma importância e deve ser permanente. Devemos levar ao conhecimento de todos que este tipo de sentimento não pode mais fazer parte da sociedade atual. Especialistas afirmam que este assunto deve ser debatido em casa e na escola desde muito cedo.

O fato é que, ainda hoje, infelizmente não temos a solução para os preconceitos e para os problemas que ele acarreta. A única atitude que precisamos ter é a tolerância com o próximo, que cada vez mais se dissipa das relações pessoais da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Castro. **Xenofobia na Europa: Onda migratória de refugiados reacende preconceito contra estrangeiro.** Revista Pré-Univesp. 2016. Disponível em: <http://pre.univesp.br/xenofobia-na-europa#.V-1_4yxkBjp>. Acesso em: 31 Ago. 2016.

ASSIS, Machado de. **Helena.** São Paulo: EIGRAF S.A. 1970.

CARTA, Gianni. **A Europa entre o oportunismo e a xenofobia.** Carta Capital. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/867/a-europa-entre-o-oportunismo-e-a-xenofobia-5477.html>>. Acesso em: 31 Ago. 2016.

FELLET, João. **Como a segregação racial ajuda a explicar as revoltas nos EUA.** 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150503_revoltas_eua_jf>. Acesso em: 09 Jun. 2016.

FERNANDES, Sara. **Preconceito é mais forte contra migrantes vindos de países de pobres.** 2015. Disponível em:



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

<<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/11/preconceito-tem-a-ver-o-fato-de-refugiados-virem-de-paises-pobres-diz-instituto-adus-8234.html>>. Acesso em: 30 Ago. 2016.

KLEIN, Teresa Cecília Maraschin. **Mulheres do Oriente: Descobrindo o véu.** UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102355/000932405.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

LIMA, José Antônio. **A Primavera Árabe vai promover os direitos das mulheres?** Carta Capital. 2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/a-primavera-arabe-vai-promover-os-direitos-das-mulheres>>. Acesso em: 23 Mai. 2016.

MACHADO, Carla. **Imagem de menino sírio encontrado morto após tentativa de travessia choca o mundo.** 2015. Disponível em: <<http://www.n3w5.com.br/mundo/2015/09/imagem-de-menino-sirio-encontrado-morto-apos-tentativa-de-travessia-choca-o-mundo>>. Acesso em: 10 Jul. 2016.

MOURA, Marcelo. **O discurso de Martin Luther King completa 50 anos.** Época. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2013/08/o-discurso-de-bmartin-luther-king-completa-50-anos.html>>. Acesso em: 15 Abr. 2016.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O mundo árabe e o direito das mulheres.** Brasil Escola. 2016. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/geografia/o-mundo-arabe-direito-das-mulheres.htm>>. Acesso em: 02 Mar. 2016.

PRESSE, France. **Destaques do discurso de Malala na ONU.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/destaques-do-discurso-de-malala-na-onu.html>>. Acesso em: 10 Jul. 2016.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Segregação Racial.** Brasil Escola. 2016. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/segregacao-racial.htm>>. Acesso em: 23 Mai. 2016.

ROSSI, Valentina Assis Arnt Andreazza. **A influência do impacto ambiental nos fluxos migratórios e seus reflexos na segurança internacional.** UFRGS, Faculdade de Ciências econômicas. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140613/000989025.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 Ago. 2016.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

RUFFATO, Luiz. **Imigração e xenofobia: Brasil, país de diversidade, acompanha horrorizado as manifestações de xenofobia contra os médicos cubanos, senegaleses e haitianos.** 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/09/opinion/1441811691_233922.html>. Acesso em: 31 Ago. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SZKLARS, Eduardo. **Como a história das mulheres mudou sob o regime islâmico.** Aventuras na História. 2010. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/como-historia-mulheres-mudou-regime-islamico-678914.shtml>>. Acesso em: 10 Jul. 2016.

SPARROW, Thomas. **A Segregação Racial nos EUA.** Pragmatismo Político. 2014. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/segregacao-racial-nos-eua.html>>. Acesso em: 02 Mar. 2016.

VIEIRA, Taís Cristóvão Martins. **A convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher e os Países Islâmicos.** UFRGS, Faculdade de Ciências Econômicas. 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116327/000963735.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.